

## ACÇÕES DOCENTES EM EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

Jackson Ronie Sá-Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Ensaio bibliográfico que discute aspectos relevantes a serem considerados na problematização de temas em sexualidade na escola. Discute-se o papel dos docentes nas ações pedagógicas em educação sexual. Explicita-se que a educação sexual no âmbito escolar pode ser considerada como um processo de transformação para que sejam superadas desigualdades, repressões, estereótipos e preconceitos. Por fim, mostra-se que determinadas práticas assumidas pelos docentes são fundamentais no trabalho em educação sexual: incentivar alunos e alunas a buscarem informações e estimular a expressão de suas ideias; suscitar o respeito, a ética, a solidariedade, a alteridade e a responsabilidade no trato de questões que envolvem discussões de gênero, sexualidade e identidade sexual.

**Palavras-chave:** docentes, escola, educação sexual.

### ABSTRACT

Bibliography rehearsal that argue important aspects that will be considered in the problematization of the themes sexual in the school. Argue the paper of the teaching staff in the pedagogies actions in the sexual education. Explicit that the sexual education in the school ambit can be considered with a process of transformation for to be overcome the differences, the repression, the steratype and the prejudice. At least, show that determinateds practices assumed for the teaching staff are fundamentals in the sexual education work; to stimulate the students to final informations and stimulate the expressions of the ideas; raise the respect the ethics, sympathy and the responsibility in the deal of the sexual member questions.

**Keywords:** docents (teaching staff), school, sexual education.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Química e Biologia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS – RS) e Coordenador do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX / CECEN / DQB / UEMA). E-mail: jacksonronie@ig.com.br

## INTRODUÇÃO

Ao longo da vida, num processo contínuo de busca dos sentidos da sexualidade, o indivíduo sofre a todo momento as influências diretas daquilo que denominamos “cultura da sexualidade”. Essas influências, advindas da família, dos meios de comunicação, da religião ou da escola pressionam, exigem e moldam o indivíduo para adaptá-lo aos padrões de comportamento impostos pela sociedade.

A sexualidade humana resulta de um complexo processo envolvendo a hereditariedade e fatores sociais, mediados principalmente pela cultura, que interagem e influenciam na dinâmica da expressão plural do comportamento sexual. É parte integrante do ser e que se aprende e exercita em sociedade. É uma construção pessoal marcada por regras sociais que vão sendo cumpridas desde cedo. Através de experiências, vivências, representações, atitudes e informações recebidas em relação ao sexo, cada pessoa se encontrará inserida num processo de educação sexual. Sobre a dimensão cultural da sexualidade Luíz Mott (1994, p. 6) reflete:

Quando um antropólogo aborda o tema sexualidade, seja perante uma platéia de psicanalistas, seja numa sala de aulas, o primeiro mandamento a ser enfatizado é que enquanto no reino animal irracional as funções sexuais são determinadas fundamentalmente pelo instinto, a sexualidade humana se manifesta através de padrões culturais historicamente determinados, donde sua dinamicidade temporal e diversidade espacial. A sexualidade humana não é instintiva, mas fruto de uma construção social, daí a impropriedade de se postular a existência de uma ‘moral sexual natural’.

As pessoas nascem num momento dado da história, no seio de uma cultura distinta. Seus desejos, emoções e relações interpessoais são formados pelas interações com a cultura, dentro da sociedade em que vivem. Bronislau Malinowsky (1970) afirma que o homem possui tendências sexuais, mas tais tendências recebem sua forma e orientação definidas num conjunto de regras culturais que variam de uma sociedade a outra. Efetivamente, cada cultura determina quais as práticas sexuais que são adequadas ou não, morais ou imorais, legais ou ilegais.

A humanidade foi elaborando historicamente um conjunto de posturas em torno do sexo fazendo com que surgissem exigências, regras, cerimônias e interdições que tornaram a

atividade sexual um tabu. Sendo assim, a história da educação sexual é uma história de ideias e de práticas sociais onde dispositivos de repressão e controle sempre estiveram presentes (BENTO, 2013; LOURO, 2012, 2013; NUNES, 2005; FONE, 2000; CATONNÉ, 2008; FOUCAULT, 2013).

O que a escola tem a ver com esta discussão? Como docentes da educação básica devem se posicionar diante de temas que envolvem a sexualidade? Escola, professores, professoras, alunos e alunas são importantes no processo de construção de uma educação sexual cidadã e inclusiva. Neste sentido, este artigo apresenta aspectos relevantes a serem considerados na problematização de temas em sexualidade no contexto escolar: discute-se o papel dos docentes nas ações pedagógicas em educação sexual; explicita-se que a educação sexual no âmbito escolar pode ser considerada como um processo de transformação para que sejam superadas desigualdades, repressões, estereótipos e preconceitos; e por fim, mostra-se que determinadas práticas assumidas pelos docentes são fundamentais no trabalho em educação sexual: incentivar alunos e alunas a buscarem informações e estimular a expressão de suas ideias; suscitar o respeito, a ética, a solidariedade, a alteridade e a responsabilidade no trato de questões que envolvem discussões de gênero, sexualidade e identidade sexual.

### **A ESCOLA E A SEXUALIDADE**

Na escola, a sala de aula representa um espaço onde diferentes aspectos que figuram a cultura estão presentes: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde se encontram tensões, contradições e conflitos.

Dada a sua organização e estrutura, a escola, como instituição social, tende a homogeneizar esses aspectos múltiplos da cultura na sala de aula, ignorando-os, reprimindo-os ou remodelando as diferenças e contradições. Nesse contexto, a liberdade como uma dimensão da sexualidade, não encontra condições para emergir e se expressar (LORENCINI JUNIOR, 1997).

Ênio Brito Pinto (2006) observa que a sexualidade sempre teve espaço nas preocupações da escola. Não às claras, mas veladamente, implicitamente, de modo não

assumido, camuflado sob uma capa moral que exhibe e exige o silêncio como forma de fomentar a repressão. No discurso, ela só aparece nas entrelinhas, não pode ser explicitada.

A sexualidade está sempre escondida nas escolas, no entanto basta um olhar mais atento para perceber como ela permeia o universo escolar. Prestando atenção, logo se pode notar como na escola, a todo o momento, se está tratando de sexualidade: na arquitetura, nos regulamentos disciplinares, em toda a forma como se organiza a convivência das pessoas, sempre há um olhar sorrateiro, repressor e atento à sexualidade. Ao se referir às escolas do século XVIII no tocante à sexualidade, Michel Foucault argumenta que aparentemente esse não é um assunto levado em conta:

O espaço da sala de aula, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortinas), os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças (FOUCAULT, 2013, p.34).

Essas afirmações de Foucault (2013) são válidas também para a maioria das escolas na atualidade. No essencial, a escola ainda lida com a sexualidade com o mesmo tipo de prolixidade encontrado no século XVIII.

Tradicionalmente conservadora, a escola reserva alguns pontos evidentes de que não está bem resolvida em relação à inserção da sexualidade em seus trabalhos. Sua ação no campo da sexualidade se exerce muitas vezes por medidas de repressão e controle a certos comportamentos dos alunos e das alunas e nem sempre professores e professoras enfrentam com serenidade e com o tato necessário, brincadeiras e comportamentos de ordem sexual, atribuindo-lhes uma gravidade e um caráter que não devem ter. A omissão deliberada e o silêncio dentro da escola, em relação a tudo que concerne à sexualidade, também têm importância sobre a formação de alunos e alunas, neste domínio, levando-os a considerar que sexo é alguma coisa de secreto ou talvez de vergonhoso sobre o qual não se deve falar (WEREBE, 1998). Como bem diz Isaura Guimarães (1995, p. 17): “na instituição escolar há pudores quanto ao ‘falar de sexo’, e preconceitos sorrateiramente arraigados atemorizam quanto à educação sexual”.

É possível que professores e professoras, diretores e diretoras, funcionários e outros membros da escola, refiram-se às inquietações da puberdade e às manifestações de curiosidade sexual das crianças e adolescentes como “problemas”. Temas como

gravidez precoce, homossexualidade, uso de anticoncepcionais, aborto, identidade sexual, identidade de gênero, namoro, etc., podem ser silenciados, discriminados e reprimidos como tabus ao não serem problematizados. Abaixar a voz, abrir os olhos num susto, procurar um espaço reservado para fazer perguntas são atitudes comuns nas pessoas, ao se defrontarem com temáticas de sexualidade no ambiente escolar. Também a escola está “fora do tempo” frente aos papéis de gênero. Geralmente as estereotípias que discriminam o homem e a mulher como desiguais, são tradicionalmente reforçadas no ambiente escolar, podendo-se encontrar atitudes de forte machismo, mesmo nas mulheres (GUIMARÃES, 1995; NUNES, 2005; LOURO, 2013).

Apesar da escola ter seu corpo de regras, quase nunca explicitadas, a sexualidade de alunos e alunas ser incômoda e amedrontadora, e o assunto raramente discutido pelos professores e professoras, o que se verifica atualmente são alunos e alunas tomando-o como objeto de discussão. Luciana Zenti e Paola Gentile (2001, p. 18) chamam atenção para essa realidade:

As inquietações que as crianças levam para a sala de aula são de todos os tipos. Assuntos ligados à sexualidade, luto e morte, separação, maus tratos. Casos de gravidez e doença, às vezes histórias de amigos infectados pela Aids. Histórias que, até poucos anos atrás, ficavam restritas ao convívio e ao ambiente familiares. E hoje afligem jovens de escolas públicas e particulares a toda hora e lugar — inclusive dentro da escola, que foi invadida pelos grandes temas da vida real e não há outra saída senão envolver-se, ajudar e participar.

Por isso a escola constitui, sem dúvida, um lugar privilegiado para a instituição de intervenções regulares de educação sexual, pois é nela que se encontram reunidos, desde a infância até a adolescência, grande número de crianças e jovens. No documento Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 2014, p.229) a escola é colocada em destaque:

Abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

Fugindo a sua responsabilidade, a escola se conforma com que os estudantes se mantenham desinformados e enredados em tabus e preconceitos. Se a escola — justamente o lugar onde a sexualidade se manifesta como um dos maiores interesses dos alunos e alunas - se omite, o resultado é um quadro crônico que vem de longe, mantido pelo binômio desinformação/insatisfação. É, pois função primordial da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. Ao promover debates entre os jovens e fornecer informações corretas, a educação sexual na escola dá oportunidade de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções.

A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade e por extensão, a sala de aula pode ser uma espécie de laboratório de possibilidades de expressão da liberdade, permitindo que alunos e alunas pensem e reflitam sobre si próprios. Essa atitude crítica promove a autonomia pessoal com confiança e auto-estima no que tange à sexualidade.

### **OS DOCENTES E A EDUCAÇÃO SEXUAL**

Se a escola não deve esquivar-se da responsabilidade de esclarecer, orientar e problematizar temas em sexualidade, é importante que os docentes se manifestem e percebam a riqueza de lidar com a temática. De acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais): “É importante que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de um processo de desenvolvimento” (BRASIL, 2014, p.303).

Para um sólido trabalho de educação sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre professores, professoras, alunos e alunas. É importante que os professores e as professoras se mostrem disponíveis para dialogar a respeito da sexualidade e abordar questões e temas de forma direta, esclarecedora e, principalmente, problematizadora. Na verdade o que se observa frequentemente é um distanciamento do

binômio professor/a — aluno/a. A realidade e o universo dos docentes frente às questões de natureza sexual é outra. Coibição, repressão, censura velada ou explícita, pouca informação, essas são as maneiras mais comuns que professores e professoras encontram para driblar a abordagem da sexualidade na escola.

Sempre que possível o silêncio. Um silêncio medroso e amedrontador, fruto de uma postura conformista e omissa. Uma omissão que não facilita a ocorrência da educação, isto é de um caminho que propicie a ampliação das possibilidades existenciais dos alunos e das alunas. É pertinente o olhar de Marta Suplicy (2008, p. 14) ao considerar as ações dos docentes: “[...] repressiva, individualista, deformadora. Com um agravante: permitindo que o aluno esteja desinformado ou mal-informado, a escola e seu corpo institucional contribuem para a infelicidade sexual do jovem”.

Embora faça parte das preocupações e das ocupações da escola, a sexualidade — ou a discussão das questões relativas a ela — não chega a ser um assunto pertinente ao universo dos alunos e das alunas, porque é literalmente velada pelos que conduzem a instituição, e em especial os professores e as professoras. O acesso a informações sobre a sexualidade é tradicionalmente velado aos educandos e às educandas como forma de manipulação e de manutenção do *status quo* do mundo adulto.

A tentativa de controlar o indivíduo controlando a sua sexualidade é antiga, tendo sido fartamente utilizada na história humana para dar sustentação e poder a inúmeras instituições, incluindo-se aí a escola. O professor e a professora têm influência sobre alunos e alunas. Qualquer que seja a matéria que ministra, desempenha, consciente ou inconscientemente, uma ação no campo da educação sexual. Esta ação se dá por meio do que representam no plano familiar e social, pela maneira de ser, de se vestir, pelas ideias e valores que transmitem (WEREBE, 1998).

Professores e professoras, mesmo sem perceber, transmitem valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos estudantes. Para Maria José Garcia Werebe (1998, p. 194), os docentes “educam mais por suas atitudes, do que pelos conhecimentos que transmitem. Educam pela maneira como encaram a própria sexualidade e a sexualidade dos outros, em particular das crianças e adolescentes”.

Se professores e professoras influenciam seus alunos e alunas direta ou indiretamente, por que não usar seus discursos para problematizar a sexualidade e os

preconceitos produzidos sobre ela? Docentes são quem acompanham alunos e alunas, muitas vezes diariamente. Portanto, conhecem a história e a forma como os educandos e as educandas vivem. Constroem vínculos com eles e elas, sabem como conduzir debates, sabem ministrar aulas. É claro que nem todos os professores e todas as professoras apresentam essas características; mas, também é verdade que não são poucos os que desenvolvem um trabalho significativo com seus alunos e alunas.

Conhecer e respeitar os jovens em seu modo de vida, ideias, valores e anseios é a base do trabalho educativo em geral e em especial sobre sexualidade. Trabalhar com adolescentes não é fácil. Implica em lidar com os próprios conflitos, mudar atitudes, rever o passado. A sexualidade do adolescente remete o professor e a professora para a sua sexualidade. Todos nós recebemos algum tipo de educação sexual que, na maioria das vezes, reflete um pensamento dominante (SUPLICY *et al.*, 2007).

Por ser uma experiência única, para ser abordada como tema de discussão, a sexualidade requer um espaço de confiança e intimidade; aí se dialoga, se confrontam as ideias, ocorrem vivências, trocam-se experiências e informações. O educador sexual (a educadora sexual) é, sobretudo um educador (uma educadora) que observa e reflete para o grupo as diversas opiniões para que cada indivíduo se torne capaz de ser sujeito de seu desenvolvimento emocional e sexual.

Ao transformar-se e rever atitudes, o educador (a educadora) proporciona as condições para também o educando (a educanda) se transformar: a construção da auto-estima; a elaboração do pensamento crítico e criativo; a promoção do respeito e da solidariedade. Sendo a adolescência uma fase de intensos questionamentos e estruturação da personalidade, uma orientação bem conduzida será bem valiosa, pois possibilitará a alunos, a alunas, a professores e professoras construir juntos o conhecimento sobre a sexualidade humana e darem novos significados a suas vivências.

Marta Suplicy *et al.* (2007) elencam algumas ações que podem ser úteis no trabalho de educação sexual junto aos alunos e às alunas: problematizar e facilitar as discussões entre jovens, auxiliando-os a amadurecer suas opiniões, ao invés de impor suas ideias ao grupo; não ditar regras de comportamento nem se colocar como modelo; evitar situações de autoritarismo; incentivar alunos e alunas a pesquisar, consultar bibliotecas e buscar informações dentro de um contexto mais amplo; utilizar jogos e dinâmica de grupo para promover a desinibição, a integração do grupo, a expressão dos



sentimentos e a compartilha de vivências; dar oportunidades para os indivíduos se conhecerem e confiarem uns nos outros; estimular a manifestação de problemas, de dúvidas e da curiosidade, possibilitando o apoio mútuo na busca de soluções; evitar depoimentos sobre a própria vida sexual; ter interesse no processo educativo como um todo; ter disponibilidade para aprofundar conhecimentos sobre a sexualidade; ter experiência da faixa etária com a qual vai trabalhar; estimular a expressão das ideias, medos, anseios e dúvidas dos alunos mais tímidos; ajudar o aluno a lidar com a pressão do grupo e a se individualizar (formação da identidade).

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, 2014.

CATONNÉ, J. F. **A sexualidade ontem e hoje**. São Paulo: Cortez, 2008.

FONE, B. **Homophobia: a history**. New York: Picador, 2000.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 22 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

LORENCINI JÚNIOR, A. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MALINOWSKY, B. **La vie sexuelle des sauvages**. Paris, Petite Bibliot. Payot, 1970.

MOTT, L. A sexualidade no Brasil colonial. **Leitura**, v. 12, n. 141, fev., p. 6-7, 1994.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2005.

PINTO, E. B. **Orientação sexual na escola**: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Gente, 2006.

SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C.; CASTELO BRANCO, C. et al. **Sexo se aprende na escola**. 4. ed. São Paulo: Olho d' água, 2007.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes**: orientação para educadores. São Paulo: FTD, 2008.

ZENTI, L.; GENTILE, P. A vida invade a escola. **Nova Escola**, n. 141, abr. p. 18-25, 2001.

WEREBE, M.J.G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.